

DA DEMOCRACIA RACIAL À REPARAÇÃO DA DÍVIDA HISTÓRICA: A INFLEXÃO DISCURSIVA NA POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA PARA O CONTINENTE AFRICANO DURANTE OS ANOS LULA (2003-2010)

Drielle da Silva Pereira
Universidade Federal Fluminense
Professora de História da Rede Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro
E-mail: Drielle.pereira@oi.com.br

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a inflexão discursiva realizada durante os anos Lula em relação à política voltada para o continente africano. É sabido que a condução da política externa implica uma determinada visão sobre a região a qual se destina, neste caso, a região africana marcada pela sua diversidade. Por muitos anos, a visão destinada ao continente africano foi influenciada pelo pensamento de Gilberto Freyre que advoga a chamada “democracia racial” no Brasil, mediante o encontro entre o branco europeu, o negro e o índio. Por muitos anos, na visão dos estrategistas brasileiros, a África seria vista como um parceiro “natural”, tendo em vista a peculiaridade brasileira de boa convivência entre negros e brancos, negando assim, o peso da escravidão na história brasileira, bem como, suas consequências para a população negra após sua abolição tardia, em 1888. Os anos Lula representariam uma inflexão, à medida que, abandona-se uma visão harmônica entre negros e brancos e, por sua vez, reconhecem-se as tensões raciais no país, bem como, da escravidão como uma mácula do passado brasileiro. Substitui-se, assim, a questão da democracia racial para o reconhecimento da “dívida histórica” do Brasil em relação ao continente. Para verificar esta inflexão, o trabalho analisou discursos e realizou entrevistas com agentes políticos do período. Concluiu-se que esta inflexão faz parte das mudanças de atores no Estado brasileiro que trouxeram consigo um histórico de lutas do movimento negro e que, por sua vez, trouxeram impactos na condução das relações com o continente africano.

Palavras-Chave: África. Lula. Discurso.

INTRODUÇÃO

Historicamente, as relações diplomáticas entre Brasil e África foram marcadas pela descontinuidade, bem como, pela sua viabilização tardia que ocorre no século XX, ainda que o continente esteja, inexoravelmente, conectado ao Brasil desde o tráfico atlântico. Apesar desta descontinuidade, a condução da política externa para a África implicou uma determinada visão sobre o continente, vasto e plural, que irá perpassar o pensamento de *policy makers* durante muitos anos. Visão esta denominada por autores como José Flávio Sombra Saraiva (2012) como Culturalista, tendo forte influência portuguesa e, sobretudo, do pensamento de Gilberto Freyre (1900-1987) cuja interpretação sobre a formação social brasileira seria, fundamental, na conformação da visão sobre a África.

Mediante obras como *Casa Grande e Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos*(1938), Freyre apresenta uma visão otimista em relação ao passado brasileiro, onde o processo civilizatório português fora responsável por criar algo novo. Procurando compreender o país, Freyre irá partir de sua cultura material onde o povo brasileiro seria composto por três raças, a saber, o branco (português), o indígena e, por fim, o negro. É construída, a partir deste processo, uma nação sedutora, herdeira do espírito português de ajuste em relação ao outro, que permitiu que os colonizadores se acomodassem e se adaptassem ao ambiente tropical, absorvendo hábitos africanos e indígenas (DÁVILLA,2011).

A obra freyriana será responsável por enfatizar o papel do negro na formação social brasileira, apresentando-o em contínua interação com o colonizador branco por meio de relações íntimas e frequentemente cordiais. Estabelece-se, portanto, um equilíbrio entre os atores antagônicos conformando, assim, uma visão romântica de um passado colonial nas fazendas. Resultaria, assim, uma sociedade harmônica e sem conflito, onde o Brasil seria um país marcado pela “Democracia Racial”. Este discurso, por sua vez, iria compor a narrativa dos estrategistas brasileiros durante boa parte do século XX, onde a democracia racial é vista como algo a ser exaltado e visto como fator atrativo para o continente africano.

Este discurso, por sua vez, irá sofrer uma profunda revisão durante os anos Lula, onde se abandona uma visão harmônica entre negros e brancos e, por sua

vez, reconhecem-se as tensões raciais no país, bem como, da escravidão como uma mácula no passado brasileiro. Substitui-se, assim, a questão do Culturalismo para o reconhecimento da “Dívida Histórica” do Brasil em relação ao continente.

O reconhecimento da desigualdade seria salientado, pelo então presidente, mediante a cerimônia de instalação da Secretaria Especial de Promoção de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), em 21 de março de 2003. O lançamento de uma secretaria especial, com *status* de ministério, para tratar da problemática racial no Brasil, seria acompanhado por uma série de outras ações afirmativas, dentre elas, a política de cotas e a obrigatoriedade do ensino de História da África na rede básica de ensino que, por sua vez, trariam um ingrediente novo na abordagem sobre o negro na história brasileira, mostrando que as relações estabelecidas aqui não foram, assim, tão harmônicas. Esta nova abordagem, por seu turno, teria impacto na percepção e formulação da política africana do Brasil durante o governo Lula. Da mesma forma que é preciso sanar as desigualdades raciais, no âmbito interno, faz-se necessário, no âmbito externo, pedir perdão pelos anos de escravidão negra que marcam a história brasileira e construir pontes pautadas na solidariedade.

Esta nova concepção já se faria presente nos trabalhos realizados durante o Fórum Brasil-África: Política, Cooperação e Comércio, em Fortaleza, no mês de junho de 2003, onde se reuniram diplomatas brasileiros e africanos, intelectuais, empresários e representantes de organizações da sociedade civil, para reavaliarem os caminhos trilhados pela política africana do Brasil. Nesta reavaliação de caminhos, seriam feitas críticas à concepção romântica que, porventura, perdurara durante anos na condução da política africana brasileira; sendo feito um chamado a favor de um Brasil mais verdadeiramente africanizado, por meio do reconhecimento da herança perversa da escravidão.

É importante lembrar que esta abordagem problematizadora sobre as relações Brasil-África podem ser lidas, também, como fruto das mudanças na composição do bloco de poder mediante a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) ao Planalto. Afinal, desde cedo, o Partido contaria com uma Secretaria

Nacional de Combate ao Racismo, instituída em 1995, assim como, teria um número representativo de deputados afrodescendentes.

Neste sentido, o trabalho buscou analisar esta inflexão discursiva como fruto da mudança no interior do Estado brasileiro, onde a vinda de um governo vinculado, historicamente, aos movimentos populares, aos movimentos sociais, ao movimento negro no Brasil, à luta contra o preconceito, seguramente, teve uma influência muito grande nesta mudança de narrativa (MARCONDES: 2015).

METODOLOGIA

O trabalho mobilizou os discursos realizados pelo então presidente Lula durante cerimônias como lançamento de Secretarias, abertura de Embaixadas e Consulados no continente africano, bem como, em viagens diplomáticas aos países daquele continente. Também foram analisados os discursos do então chanceler Celso Amorim, identificando as referências teóricas e as visões sobre o continente africano embutidas naquelas narrativas. Por fim, o trabalho se valeu do uso de entrevistas com agentes políticos daquele período, relacionados às questões africanas. Neste caso, realizou-se entrevista com o então diretor da Iniciativa África do Instituto Lula, o senhor Celso Marcondes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Mediante a coleta de dados e sua análise posterior, verificou-se que os anos Lula trouxeram uma série de inovações discursivas na visão em relação ao continente africano. Estas inovações basearam-se no reconhecimento de um passado, por vezes, negado na narrativa oficial da política brasileira, a saber, a escravidão e suas consequências para a conformação da sociedade brasileira. Sendo assim, ao contrário da visão romântica de Freyre, o novo discurso descortina a violência que marcou a relação entre negros e brancos no Brasil e como esta, de outras formas, se manteve após a abolição em 1888, mediante a não integração da população negra aos direitos civis, políticos e sociais.

Na nova narrativa, assume-se o passado escravista, ao mesmo tempo em que, chama-se o Brasil à responsabilidade para com o continente africano. Sendo

assim, da mesma forma que se busca reparar, internamente, a situação de desamparo por parte do Estado ao qual ficou submetida a população negra no Brasil, externamente, a diplomacia buscará reparar o continente africano pelos séculos de escravidão.

Estes resultados levantam discussões importantes sobre a necessidade do reconhecimento do mito da democracia racial que, por anos, fora mobilizado na formulação e execução de políticas públicas a exemplo da política externa, impedindo uma discussão honesta acerca da escravidão e sua marca na conformação da sociedade brasileira cujos desdobramentos se dão até os dias atuais.

CONCLUSÃO

O trabalho conclui que esta mudança discursiva na visão sobre o continente africano torna-se vital para avançarmos no debate sobre a questão racial no Brasil. Usando como exemplo a política externa brasileira, percebe-se a urgência em reconhecermos o impacto da escravidão na formação da sociedade brasileira, assim como, de construirmos uma visão sobre o continente africano que abarque toda sua diversidade. De certa forma, uma visão honesta sobre o continente africano implica uma visão honesta sobre a própria sociedade brasileira, uma vez que, fora fundamental na sua conformação.

Da mesma forma, o trabalho conclui que esta mudança discursiva foi, antes de mais nada, uma decisão política assumida durante os anos Lula que repensa todo um passado discursivo construído em relação à África e à própria formação do Brasil.

REFERÊNCIAS

- DÁVILLA, Jerry. *Hotel Trópico e o Desafio da Descolonização Africana (1950-1945)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. São Paulo: Global Editora, 2003.
- MARCONDES, Celso. *Celso Marcondes: entrevista*. Entrevistadora: Drielle da Silva Pereira. São Paulo: Instituto Lula, 2015.